

A PESQUISA-FORMAÇÃO COMO DISPOSITIVO ESCOLAR PARA PENSAR A SAÚDE MENTAL DE ESTUDANTES NA PANDEMIA

RESEARCH-TRAINING AS A SCHOOL DEVICE TO THINK ABOUT THE MENTAL HEALTH OF STUDENTS IN THE PANDEMIC

A INVESTIGACIÓN-FORMACIÓN COMO DISPOSITIVO ESCOLAR PARA PENSAR LA SALUD MENTAL DE LOS ESTUDIANTES EN LA PANDEMIA

Layta Sena Ribeiro ¹
Marcelo Silva de Souza Ribeiro ²

Manuscrito recebido em: 11 de julho de 2022.

Aprovado em: 14 março de 2023.

Publicado em: 24 de março de 2023.

Resumo

Objetivou-se desenvolver uma formação em saúde mental numa escola pública para fomentar debates sobre temáticas que envolvessem condições de proteção e entendimento sobre risco à saúde. Além de investigar a dinâmica relacional dos encontros, que com a ocorrência da pandemia passaram a ser virtuais. O método se deu através da pesquisa-formação, um tipo de saber-fazer científico que assume como importante a subjetividade no intercurso da formação e que centra-se crítico-politicamente. O grupo foi composto pela comunidade escolar e acadêmica. Os encontros ocorreram de forma mensal ou bimensal por plataformas on-line, gerando diários de bordo, desenhos, fotografias, poesias, entre outros. Os resultados avaliados conduziram para pontos de debate nomeados como pandemia e sentimentos em comum, desafios e reflexões a partir da pandemia e compartilhamento de estratégias de cuidado. Os resultados apontaram novos modos de subjetivação em decorrência da pandemia no enfrentamento a realidade interposta, o agravamento da situação de saúde de quem já estava em adoecimento e a noção de que a proposição de um grupo que se reúne para elaborar a experiência de forma compartilhada e cooperativa é uma estratégia possível de cuidado em saúde. Reafirma-se a importância da escola pública como uma instituição que possibilita por meio do debate a compreensão de contextos de risco e proteção a saúde para fins de uma formação não só técnica mas, socioemocional, ética, estética e política.

Palavras-chave: Escola; Pandemia; Pesquisa-formação; Saúde mental; Estudantes.

Abstract

The objective was to develop training in mental health in a public school to encourage debates on themes that involved conditions of protection and understanding of health risk. In addition to

¹ Mestra em Psicologia pela Universidade Federal do Vale do São Francisco. Residente em Saúde da Família pela Universidade de Pernambuco. Membro do Laboratório de Estudos e Práticas em Pesquisa-Formação. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6942-5707>. Contato: laytasena@gmail.com

² Doutor em Ciências da Educação pela Universidade do Quebec, com Pós-doutorado em Educação pela Universidade Federal da Bahia. Professor no Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco e no Programa de Pós-graduação em Formação Docente e Práticas Interdisciplinares da Universidade de Pernambuco. Coordenador do Laboratório de Estudos e Práticas em Pesquisa-Formação.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1196-7383> Contato: mribeiro27@gmail.com

investigating the relational dynamics of meetings, which with the occurrence of the pandemic became virtual. The method took place through research-training, a type of scientific know-how that assumes subjectivity in the course of training as important and which is critically-politically centered. The group was composed of the school and academic community. The meetings took place monthly or bimonthly through online platforms, generating logbooks, drawings, photographs, poetry, among others. The evaluated results led to points of debate named as pandemic and common feelings, challenges and reflections from the pandemic and sharing of care strategies. The results pointed to new modes of subjectivation as a result of the pandemic in coping with the interposed reality, the worsening of the health situation of those who were already suffering from illness and the notion that the proposition of a group that gathers to elaborate the experience in a shared and cooperative is a possible health care strategy. The importance of the public school is reaffirmed as an institution that enables, through debate, the understanding of risk contexts and health protection for the purposes of training not only technical but also socio-emotional, ethical, aesthetic and political.

Keywords: School; Pandemic; Research-training; Mental health; Students.

Resumen

El objetivo fue desarrollar una formación en salud mental en una escuela pública para fomentar debates sobre temas que involucraran condiciones de protección y comprensión del riesgo para la salud. Además de indagar en la dinámica relacional de los encuentros, que con la ocurrencia de la pandemia se tornaron virtuales. El método se llevó a cabo a través de la investigación-formación, un tipo de saber científico que asume la subjetividad en el curso de la formación como importante y que tiene un centro crítico-político. El grupo estuvo integrado por la comunidad escolar y académica. Los encuentros se realizaron mensual o bimestralmente a través de plataformas en línea, generando bitácoras, dibujos, fotografías, poesía, entre otros. Los resultados evaluados generaron puntos de debate denominados como pandemia y sentimientos comunes, desafíos y reflexiones a partir de la pandemia y compartir estrategias de cuidado. Los resultados apuntaron nuevos modos de subjetivación a partir de la pandemia en el enfrentamiento de la realidad interpuesta, el empeoramiento de la situación de salud de quienes ya padecían la enfermedad y la noción de que la proposición de un grupo que se reúne para elaborar la experiencia en forma compartida y cooperativa es una posible estrategia de atención a la salud. Se reafirma la importancia de la escuela pública como institución que posibilita, a través del debate, la comprensión de los contextos de riesgo y la protección de la salud con fines de formación no solo técnica sino también socioemocional, ética, estética y política.

Palabras-clave: Escuela; Pandemia; Investigación-formación; Salud mental; Estudiantes.

Introdução

O presente trabalho é um recorte de pesquisa fruto da dissertação de mestrado e que instou em momento anterior a eclosão da pandemia da Covid 19, mas que foi ultrapassada por ela, exigindo dos autores adaptações na elaboração da investigação. Essa característica adaptativa do processo da pesquisa se mesclou com a proposta originária, que oportunizou uma formação em saúde mental para integrantes da comunidade escolar de uma escola pública estadual, objetivando fomentar

debates sobre práticas e temáticas que envolvessem condições de proteção e entendimento sobre risco a saúde. Além de investigar a dinâmica relacional que seria disposta por meio dos encontros periódicos, inicialmente na modalidade presencial e depois virtual, houve todo um atravessamento da ocorrência da pandemia da Covid-19.

Ao longo deste artigo esses atravessamentos, marcas de um fazer investigativo em período pandêmico, serão problematizados e articulados com os temas orientadores do trabalho, que atravessam a noção de saúde mental e saúde na escola/saúde educação.

O sentido de saúde mental, no contexto da pesquisa, foi compreendido como algo que abarca uma infinidade de problematizações acerca da sua compreensão, dado que a tentativa por essa apreensão se faz mediante a abertura do olhar científico para a contribuição de diversas áreas do conhecimento. Destaca-se que tais interfaces variam desde as ciências médicas às ciências humanas, políticas e sociais. Outro apontamento que pode ser colocado é que as manifestações culturais, religiosas e ideológicas das populações estudadas não podem ser excluídas dessa complexa análise (AMARANTE, 2007).

Um outro componente da saúde mental que indispensável para a investigação proposta por este trabalho é a experiência, isto é, a construção de uma realidade psicológica-emocional-cognitiva subsequente a vivência que decorre do imediato vivido. Disso decorre o entendimento da intencionalidade, importante para a concatenação de sentidos sobre a vivência, gerando com isso reflexões mais aprofundadas acerca dos significados presentificados pela/na experiência, por intermédio de complexos processos de subjetivação (AMATUZZI, 2007). No entanto, a experiência ainda que não simbolizada, por se dar no corpo, deixa resquícios e morre com ele, em um formato indizível e impensável (MACEDO, 2015).

O acesso a compreensão da experiência, por sua vez, segundo Macedo (2015) é por via da narrativa, um recurso de inteligibilidade organizativa de afetos diversificados, envolta em contradições e tensões conscientes ou não. Nesse sentido se assume um cunho fenomenológico existencial na pesquisa, no qual se concebe as vivências como eventos que ocorrem aos indivíduos, constituindo interpretações singulares, traduzidas como experiências tácitas, e que provocam o pesquisador a abertura ao indeterminado (AMATUZZI, 2007).

Pela razão supracitada acredita-se que as relações dispostas em encontros são necessárias para a produção de sentidos (ANÉAS; AYRES, 2011). Essa noção visa romper com o modelo da “medicina tecnológica” que enfoca primordialmente os conhecimentos biomédicos, desconsiderando aspectos ligados as interações e trocas afetivas que impulsionam o cuidado em saúde ético e implicado.

O segundo tema central tem a ver com a saúde na escola, que a partir de uma retomada histórica, traz à tona a perspectiva assistencialista no século XX, no qual a escola constituiu campo de prática voltado à medição e avaliação de doenças nos escolares, motivada pela pretensão de combater e erradicar moléstias na sociedade, exclusivamente por conta de interesses socioeconômicos. Criando, com isso, um ideal de corpo saudável, e todo aquele que não participasse desse modelo deveria ser marginalizado (GUIMARÃES; VELARDI, 2008).

A educação com foco higienista concebe a escola como espaço privilegiado para o disciplinamento da infância e proliferação de modelos acríticos de comportamentos. A partir dos anos cinquenta no Brasil, muitas propostas pensavam o insucesso escolar como uma questão neurológica ou causada por desnutrição infantil, perspectivando a partir daí, práticas atribuídas a diagnósticos patológicos (GUIMARÃES; VELARDI, 2008).

Com isso, as práticas de saúde eram discutidas na escola, predominantemente, por meio de campanhas informativas acerca de hábitos que objetivassem a preservação da vida, num viés unicamente patológico e acrítico, pois as demais questões sociais de saúde eram desconsideradas. Porém, através das lutas pelo fortalecimento da democracia e cidadania no país, especificamente a partir dos anos 1980, a educação em saúde ampliou-se, incorporando novas noções sobre saúde no debate na escola, pensando a mesma então, como uma agente de transformação participativa nos processos de cuidado, compreendendo a importância das condições ambientais, da convivência social e familiar como fatores significativos na promoção de saúde (GUIMARÃES; VELARDI, 2008).

Pensar a saúde na escola tornou-se uma construção dinâmica, partindo do princípio de que o desenvolvimento de saúde é uma prática de libertação das opressões, sejam elas subjetivas, sociais, culturais ou relacionais. O que torna o papel do professor importante para o incentivo do afloramento de posicionamentos críticos, pois ao dispor de uma

atuação que leve em consideração a coparticipação no desenvolvimento educacional, ao invés de uma concepção “bancária”, isto é, uma ação depositária de conteúdos desconectados da realidade, pode-se possibilitar uma consciência analítica dos fenômenos contextuais na vida dos sujeitos, que poderão compreender-se como “refazedores permanentes” das suas realidades (FREIRE, 2018).

A subjetividade é encarada neste trabalho como um processo singular de constante transformação, pois na interação com o outro e a cultura, o sujeito se coloca e ressignifica suas posições, ideias, valores e afetos em um nível interpsicológico. Com isso, rompe-se com convicções individualistas e estanques, porque são nas tensões, conflitos e discrepâncias que se constroem novas simbolizações (OLIVEIRA; SBANO, 2017).

Dito isso, sabe-se que a subjetividade do adolescente é, muitas vezes, negligenciada no cenário escolar, pois as práticas educativas podem se basear em papéis majoritariamente normativos, que se preocupam apenas com a transmissão de informações, visto que se baseiam no modelo neoliberal de produção, no qual o professor e demais membros da comunidade escolar são sujeitos a uma lógica econômica que intensifica e precariza condições de trabalho, implicando na desvalorização das relações.

A adolescência, seguindo uma noção sócio histórica é marcada por características e significações mediadas pela cultura, não só no que diz respeito a questões biológicas, mas também sociais e psicológicas, visto que essa simbolização se baseia em perspectivas da época em que se vive, por meio dos atores sociais e as representações expressas na linguagem (OZELLA; AGUIAR, 2008). Portanto, compreender a adolescência pela perspectiva crítica é empreender no campo investigativo a abertura para um olhar minucioso, reflexivo, integrador, problematizador e colaborativo, dado que todos os atores da escola são tidos como autores da realidade que se constrói e reconstrói.

Nesse sentido, compreende-se que a escola é um espaço privilegiado de proposição de ações, discussões educativas e promoção da saúde (CARVALHO, 2015; FONTENELE et al., 2017), pelo acesso a essa instituição se apresentar como um direito que deve ser resguardado pelo Estado e pela sociedade civil. Assim, para este trabalho, que dialoga com o campo da saúde, qualidade de vida, adoecimento psíquico e estratégias de cuidado de estudantes da educação básica, o objeto de investigação se situou na discussão de temas

a respeito da saúde mental que envolvessem condições de proteção e entendimento sobre risco à saúde, que, por sua vez, circundam o ambiente educativo, atravessado inclusive pela pandemia da Covid-19, que abarcou novas configurações educacionais, abrindo espaço assim para a escuta e reflexão propositiva de narrativas por vezes negligenciadas, já que os assuntos debatidos foram designados pelo grupo formativo integrado por representantes da comunidade escolar.

A partir do que foi exposto, levantamos algumas questões que orientaram a organização deste artigo: O que os estudantes tinham a dizer sobre suas dificuldades e estratégias de enfrentamento em relação a saúde mental? Em um processo de pesquisa-formação, quais experiências e significações foram possíveis? Como se deu a investigação que foi atravessada pela pandemia e o isolamento social?

Métodos

A proposta metodológica assumida é a de cunho qualitativo, adotada mais especificamente através do modelo da pesquisa-formação. Esse tipo de pesquisa se propõe a questionar o paradigma científico positivista hegemônico, que negou há muito o conhecimento popular na produção de saberes. Assim, esse novo modo de fazer ciência pauta suas práticas na mobilização política e coletiva a fim de promover a elaboração conjunta de conhecimentos dos diversos atores envolvidos nas realidades sociais distintas. A pesquisa-formação preocupa-se, desse modo, não só com os resultados dispostos a partir do seu fazer, mas com o processo pelo qual se constrói a formação com os atores (LONGAREZI; SILVA, 2013).

Neste molde de pesquisa, apreende-se também que o pesquisador não deve ignorar a sua subjetividade implicada ao processo do trabalho científico, deve, porém, estar atento às problemáticas que se inserem com a sua participação, ou seja, seus interesses e racionalidade cartesiana advindas da sua formação. Assim, este modo de pensar a pesquisa, insere uma visão dialógica a ciência, pois pressupõe um encontro intersubjetivo ao invés de uma coleta de dados entre pesquisador-pesquisado, que impõe, por sua vez, lugares rígidos a esse processo (PERRELI et al., 2013).

Desse modo, participaram do estudo 20 representantes da comunidade escolar, que se mostraram assíduos ou não ao longo do processo. Dentre esses, colaboraram 5 estudantes do ensino fundamental II e médio, entre 14 e 17 anos, de ambos os sexos; a pesquisadora proponente (uma vez que a pesquisa-formação implica o pesquisador no próprio processo formativo e de construção do conhecimento); um estudante de graduação em Psicologia como pesquisador colaborador; uma estudante de ensino médio de outra instituição como bolsista em iniciação científica; 7 professores; 2 técnicos pedagógicos e auxiliares, de ambos os sexos, justificado pela importância de um grupo disposto de forma mista, integrando ao máximo diversidade ao coletivo, na tentativa, por seu turno, de abarcar a realidade vivida no enfrentamento de problemáticas relativas a questões psíquicas e subjetivas do cotidiano escolar.

O grupo de participantes oriundos da escola foi selecionado pela equipe da própria escola, com o auxílio da pesquisadora proponente e por livre adesão dos participantes e seus responsáveis, obedecendo todos os regulamentos éticos. Este grupo teve um caráter semiaberto, considerando que o estudo abarcou um tempo prolongado e tendo desistência de integrantes durante seu tempo de execução, requerendo a participação de outros membros que se mostraram disponíveis. Essa questão em específico será melhor detalhada nos resultados que demonstram o processo de forma mais detalhada, visto que esses aspectos importam a compreensão da dinâmica da investigação.

Os dispositivos utilizados na colheita de dados foram a observação participante e os diários de bordo da pesquisadora e dos participantes do grupo formativo que continham anotações de cada encontro realizado via registro de elementos considerados importantes na perspectiva de cada integrante do grupo sobre as atividades e produtos concretizados por meio da pesquisa-formação. O diário de bordo é uma técnica de transcrição de dados que possibilita a reflexão sobre a prática do pesquisador, facilitando, por sua vez, o contato com as afetações e percepções do mesmo acerca da realidade (OLIVEIRA et al., 2017). A observação participante remonta-se as pesquisas antropológicas e se instrumentaliza aqui, por conceber um engajamento atento, ativo e adaptativo do pesquisador no recolhimento de dados (MÓNICO, 2017).

Além disso, é necessário compreender que a dinâmica dos próprios encontros do grupo e os materiais produzidos por este pressupõe uma construção horizontal, participativa e autônoma dos integrantes, o que indica também um instrumento avaliativo para obtenção interpretativa dos resultados. É importante levar em consideração que os processos avaliativos, portanto, reflexivos e contributivos da pesquisa-formação, foram desenvolvidos no andamento da pesquisa, acompanhando pontos significativos e possibilitando melhorias ao longo do processo.

Os materiais utilizados dependeram da construção compartilhada dos grupos formativos, suas temáticas e a sua variação presencial ou virtual. Nesse sentido, o recorte escolhido para relatar neste artigo foram os encontros a partir do formato virtual, no qual a organização anterior de encontros na escola, deu lugar as cenas remotas e “vídeo mediadas” durante a pandemia e a impossibilidade de encontros presenciais devido a falta de aula nas escolas públicas, consequência do distanciamento social proposto como maneira de prevenção à doença. Com a insurgência da pandemia, a secretaria de educação se organizou para ofertar ferramentas de estudo de acesso remoto, mas com a pouca aderência estudantil, motivada pelas ações não contextualizadas a realidade dos mesmos, culminou-se na junção dos anos letivos de 2020-2021.

Os primeiros contatos com o coletivo formativo em 2019 possibilitaram a adesão a pesquisa e a vinculação entre os participantes, mesmo com a dinâmica de investigação modificada pelas intercorrências originadas pelo ano de 2020, no que diz respeito a pandemia. Com os rumos extemporâneos que a pesquisa foi levando, novos desígnios foram precisos de serem tomados. Dessa maneira, acordou-se que os encontros com o grupo se formariam esporadicamente por via remota, em alguma plataforma de encontros virtuais, variando entre “Zoom” e “Google Meet”. Isso acabou sendo um obstáculo para a adesão de muitos estudantes com problemas de conexão com a internet e com as novas demandas domésticas e trabalhistas que se formavam, mediante as dificuldades socioeconômicas interpostas pela pandemia. Nesse interim, a grande maioria dos professores também tiveram dificuldades para engajarem-se na nova proposição de trabalho, dado que muitos sentiram forte impacto na percepção dos seus processos de saúde-doença, como relatado por eles e pela equipe coordenadora que recebia as queixas de forma direta.

Assim, essas reuniões que objetivaram, inicialmente, não perder a vinculação com a escola e com o grupo formativo, perfazendo cinco encontros durante o ano de 2020 e um último em 2021, somando seis momentos com o grupo, puderam construir um espaço significativo para diálogos fortuitos e acolhimento a angústias frente a pandemia. Bem como ser lugar de amparo à falta de informação que imperava no começo desse flagelo que mudou a cadência da vida como outrora conhecida, constituindo, por sua vez, parte imprescindível à pesquisa de um entendimento sobre modos viáveis de construção coletiva frente ao novo, ao inesperado e a crise.

Com isso, apresenta-se a seguir, para melhor compreensão, o segundo ciclo da pesquisa, um quadro síntese dos passos dados mediante o novo reordenamento da mesma:

Quadro 1. Ciclo 2: Janelas virtuais, abertura e acolhimento na pandemia

ENCONTROS	PARTICIPANTES	INSTRUMENTOS
1. Bate-papo no WhatsApp: Como estou me sentindo no isolamento social	8 pessoas entre estudantes, educadores e a pesquisadorapropONENTE.	Desenhos compartilhados pelo grupo do WhatsApp.
2. Bate-papo por videoconferência: Com o advento da pandemia como está a nossa relação com a escola?	5 pessoas entre estudantes, educadores e a pesquisadorapropONENTE.	Diálogo e diários de bordo pós conversação.
3. Bate-papo por videoconferência: Sermulher na pandemia.	4 pessoas entre educadores e a pesquisadora propONENTE.	Diálogo e menções a trechos de livros e palestras no Youtube.
4. Bate-papo por videoconferência: Informes sobre a posição do estado sobre a situação da escola na pandemia e as afetações do grupo quanto a isso.	6 pessoas entre estudantes, educadores e a pesquisadorapropONENTE.	Diálogo e diários de bordo pós conversação.
5. Bate-papo no WhatsApp: O que fiz durante o ano de 2020?	6 pessoas entre estudantes, educadores e a pesquisadorapropONENTE.	Fotografias compartilhadas pelo grupo do WhatsApp.
6. Bate-papo por videoconferência: Avaliação da pesquisa até então e redirecionamento para as entrevistas narrativas.	6 pessoas entre estudantes, educadores e a pesquisadorapropONENTE.	Diálogo.

Fonte: elaboração própria

Os momentos acima eram solicitados pela pesquisadora proponente ou mesmo pelos participantes do coletivo formativo - que iam aderindo cada vez menos as proposições, deixando mesmo de participar ativamente, no qual 11 integrantes ainda mantinham contato, apesar de que o número fixo de pessoas a frequentarem as reuniões era de 5 pessoas - e variavam entre 40 minutos a uma hora e meia, com uma periodicidade que oscilou entre mensal a bimestral, a depender das condições afetivas e ocupacionais dos participantes. Ao final dessas reuniões faziam-se registros escritos ou em forma de

desenhos e fotos para serem enviados a pesquisadora, ou ainda compartilhados no grupo de WhatsApp, criado para a comunicação do coletivo, mesmo antes dessa mudança na pesquisa, nos quais eram relatados os sentimentos, ideias e percepções proporcionados pelos encontros.

Nos intervalos entre esses encontros e a incerteza sobre o regresso às aulas e a criação de uma vacina que proporcionasse uma volta, mesmo que progressiva, a vida usual, se é que ainda se mencionar isso, houve um momento da vida acadêmica da pesquisadora dedicado a participação em cursos de formação, a presença em eventos online e produções de manuscritos.

Com relação aos manuscritos, um se propôs a discorrer sinteticamente sobre a dinâmica dos encontros que aconteceram em 2019 e as afetações produzidas por estes, bem como o outro relatou brevemente os resultados de entrevistas feitas com estudantes sobre a vivência pandêmica fora da escola. Houve ainda uma produção voltada para os encontros de 2019, que abordou o contato inicial com a escola, transformações nos modos de subjetivação dos participantes, como relatado por eles. Já um outro escrito objetivou compreender o estado de saúde mental dos adolescentes no período de isolamento social, buscando conhecer os contextos de risco e proteção que envolviam a vida desses estudantes durante esse período a partir da entrevista narrativa e por fim, um que versava sobre a experiência de ser pós-graduanda em um contexto de pandemia e as reverberações trazidas na vida pessoal e profissional. Já o capítulo de livro discutiu sobre o ensino remoto na educação brasileira.

Esses produtos se originaram a partir do aproveitamento de aspectos que excederem os objetivos da pesquisa, mas que não deixaram de se relacionar com o escopo geral da investigação (RIBEIRO & RIBEIRO, 2020ABC; RIBEIRO & RIBEIRO, 2021). Dessa maneira, esses conteúdos têm relação com a dissertação, mas não vão ser trabalhados diretamente nessa construção hermenêutica.

Os diários de bordo, as percepções sobre a dinâmica proveniente do grupo formativo e as vivências e materiais produzidos, tanto de maneira presencial como virtual (foco deste trabalho) como desenhos, fotografias, poesias e o material retirado e transcrito do bate-papo no grupo de diálogo do WhatsApp, entre outros produtos, como as entrevistas narrativas (que aqui não entraram na avaliação) foram analisados por meio

da análise de conteúdo pautada na hermenêutica intercrítica proposta por Macedo (2009) visando à compreensão das interlocuções oportunizadas.

Macedo (2009) assinala, inicialmente, que após um tempo de imersão no campo da investigação, o pesquisador deve questionar-se sobre a pertinência dos seus dados, voltando-se reflexivamente para suas questões norteadoras. Essa etapa indica a “saturação dos dados” e o começo das análises do corpus empírico. Em seguida, dá-se início ao desenvolvimento de sistematização hermenêutica intercrítica que visa responder à indagação central da pesquisa e o direcionamento intelectual a organização e síntese das totalizações relacionais de final aberto, que apontará para um desfecho nas considerações (in)conclusivas (MACEDO, 2009). Este momento acompanha os pressupostos do método fenomenológico via recurso da redução fenomenológica, no qual são separadas as partes da descrição tidas como “essenciais” no que concerne ao objeto da pesquisa.

No processo descrito acima de filtragem dos conteúdos, utiliza-se a técnica habitual e comum da “variação imaginativa” que consiste na elaboração/meditação das partes da experiência que traz significados afetivos e cognoscíveis ao pesquisador, para daí refletir sobre suas interconexões ou não. Esse movimento encarnado de “redução” da descrição à consciência da experiência se nomeia como unidades de significação.

Depois desse processo e subsequentes (re)leituras, emergem no reagrupamento de informações, as noções subsunçoras – também nomeadas categorias analíticas – que acolhem subconjuntos de conteúdos e compreensões que desaguarão em uma peça teórica de construção rica e heurísticamente compreensível. É importante demarcar que a construção de respostas/resultados às questões propostas pela pesquisa pode fecundar ainda novas proposições, interpretações, ideias, análises, compreensões e conceituações.

Em suma, para a organização das categorias analíticas, foram realizadas delimitações a partir das leituras dos materiais colhidos, transcritos e dispostos em arquivos à parte, no qual ia se delineando, com base na marcação de texto de cores variadas em alinhamento aos objetivos, os conteúdos emergentes e significativos a pesquisa. Daí em diante, após uma releitura desse material já pré-selecionado, aquilo que “saltava aos olhos” da pesquisadora era parafraseado, formando, por sua vez, um conjunto de simbolizações, que posteriormente foram divididas por associação

significativa de assuntos, isto é, integrando ideias similares e/ou dissonantes acerca de determinados tópicos, formando as noções subsunçoras.

Resultados e Discussão

Levando em consideração a análise de conteúdo proposta por Macedo (2009) a partir dos materiais e vivências dispostos pela pesquisa no contexto virtual, como já mencionado - diários de bordo entregues a pesquisadora, desenhos, fotografias, poesias e demais falas extraídas do grupo de comunicação do estudo – foram criadas categorias analíticas que desenvolverão interpretações possíveis dentro dos referenciais escolhidos por essa pesquisa, a saber: pandemia e sentimentos em comum; desafios e reflexões a partir da pandemia e compartilhamento de estratégias de cuidado.

As elaborações aqui construídas intencionam revelar os processos formativos percebidos, a partir da descrição e exame das vivências constituídas por intermédio dos encontros, bem como relatar o acolhimento e partilha proporcionados por este momento da pesquisa. Além disso, almeja-se tornar evidente os contextos de risco e de proteção em relação aos temas investigados, via estudos desenvolvidos no espaço formativo, além de identificar as compreensões de saúde mental que se apresentarão ao longo processo formativo.

Para uma melhor compreensão dos objetivos, no que diz respeito a análise se fez necessário contextualizá-los ao modo vigente de operação da investigação. Ao que concerne o primeiro objetivo, os espaços de encontro não se propuseram a ser necessariamente de estudos, embora através dos relatos foi possível empreender discussões alinhadas a arcabouços teóricos próprios aos participantes. No que se refere ao outro objetivo, as compreensões de saúde mental foram sendo percebidas através das percepções dos integrantes do coletivo formativo via narração das vivências de suas realidades.

- Pandemia e sentimentos em comum

O novo cenário mundial impôs algumas mudanças no cotidiano de todas as gentes do mundo, marcando experiências através do isolamento social como ponto comum a todos, dada a troca no estilo de vida cosmopolita pela centralização do ambiente doméstico. Nesse interim, não só as práticas de trabalho tiveram que se adaptar, mas também as interações socioemocionais com as pessoas, o que provocou um conjunto de sentimentos que a literatura vem certificando ser compartilhados.

Em 2020, com a alta prevalência e contaminação da doença do coronavírus se tornou impossível realizar atividades na escola, ocasionando um distanciamento nas relações com o grupo formativo, tanto da pesquisadora com eles, como dos outros integrantes entre si, dada a situação calamitosa que se irrompia e a consternação provinda dessa situação inédita que gerou também uma infodemia. Esse termo advém do fenômeno de grande circularidade de informações acerca de um determinado tema, que por sua vez, pode comprometer a qualidade de oferta desses conteúdos, gerando desinformação e sobrecarga emocional (GARCIA; DUARTE, 2020).

Nesse sentido, em uma reunião de orientação dessa pesquisa, mais precisamente em abril de 2020, quando a pesquisa se encontrava em pausa, ficou acordado que independente das incertezas quanto a duração da pandemia, seria necessário manter a vinculação com o grupo formativo. E isso se daria por meio de reuniões por videoconferência com aqueles participantes que pudessem e que estivessem dispostos a aderir essa proposição. Assim, no mesmo mês realizou-se o primeiro momento virtual mais diretivo com o grupo, já que a comunicação estava ocorrendo até então no WhatsApp, no qual se discorria sobre as decisões do governo do estado sobre a situação de fechamento da escola e a imprevisibilidade de retorno as aulas.

A reunião produziu muitas elaborações sobre a distância da escola e o momento pandêmico, que até a finalização desse ciclo da pesquisa trouxe à tona sentimentos em comum nesse processo de espera pela volta as aulas e retorno a vida usual, tornando possível a criação de um espaço de acolhimento compartilhado. Os relatos em todos os momentos em que haviam reuniões, que como já se disse aconteciam em um intervalo mensal ou bimestral, demonstravam sentimentos que variavam entre ócio, angústia, ansiedade, medo, preocupação, estresse, saudade da escola e da pesquisa, saudade de

contato físico, percepção de novos aprendizados pelo desafio vivido, sentimentos conflitantes entre produtividade e procrastinação gerando, com isso, culpa, sensação de perda de liberdade, raiva frente às tomadas de decisão do governo, incertezas, tristeza em não poder comemorar datas significativas como aniversários e celebrações festivas, entre muitas outras vivências como esperança, gratidão pela saúde da família, alegria e satisfação em compartilhar experiências.

Pesquisas que se desenvolveram já no início da pandemia buscaram investigar quais comprometimentos à saúde foram se desenvolvendo por conta das imposições para um novo modo de vida que abarca restrições relacionais, como medo, tristeza, ansiedade, tédio e raiva. Algumas dessas questões são manifestadas pelos agravos em condições de sofrimento pré-existentes, que sem o devido acompanhamento profissional, podem ocasionar a incidência de transtornos mentais (LIMA et al., 2020). Essa é uma preocupação importante para a saúde pública e foi demonstrada inclusive a partir de relatos dos estudantes do grupo através de uma pesquisa alinhada à presente, realizada simultaneamente a esse período da investigação e que detalha a vivência dos adolescentes na pandemia a partir de suas narrativas, como se pode observar:

Bom, tá sendo bem entediante quase não faço nada. A saudade da escola e dos amigos é grande, mas estamos levando como a vida quer. Às vezes tristes, outras felizes, mas nada fora do comum... dificilmente eu fico triste, mas quando fico é por conta de saudades, pensando quando essa quarentena vai acabar... e alguns desentendimentos com familiares e amigos. (RIBEIRO & RIBEIRO, 2021, P. 281).

Segundo Garrido e Rodrigues (2020) outros importantes estados de adoecimento que se intensificaram com a pandemia foram os transtornos mentais comuns (TMC) que são caracterizados pela estrutura ocupacional, econômica, familiar, social e política vinculada a especificidades como a classe social, a existência ou não de uma rede de apoio, a renda, a escolaridade e o gênero que demarca alta incidência em grupos populacionais de todo o mundo através da experiência de fadiga, irritabilidade, insônia, dificuldade de concentração, esquecimento, queixas somáticas, e quadros de ansiedade e depressão (FONSECA et al., 2008).

Esses transtornos são possíveis de se notar nas narrativas que foram desenvolvidas a partir da confecção de um desenho que propôs relatar o estado de saúde na

cotidianidade do grupo na pandemia, estando atrelado aos acontecimentos no país e no mundo e se mesclando ao sofrimento psíquico já esperado nesse cenário: “Tudo isso tem me deixado extremamente ansiosa, preocupada e com bastante medo do futuro. Medo de que nunca volte ao normal. Preocupada com tudo que está acontecendo e o caos do mundo” (estudante 03). Uma técnica ainda aponta:

“Irritada... diante de notícias da má gestão do dinheiro público nessa pandemia; prefiro acreditar em incompetência à má fé de nossos governantes. Compras de equipamentos errados calotes mal explicados... beira ao cúmulo do absurdo!” (educadora 04)

Quanto ao sofrimento psíquico denunciado pelo mal estar relatado em comum por todos os integrantes do grupo formativo e demais sentimentos vividos, cabe destaque a condição de ócio e o conseqüente conflito vivido entre momentos de alta produtividade e procrastinação o que gerava uma culpa extenuante. Como se pode perceber nos relatos que se seguem: “tenho trabalhado em dobro nessas aulas on-line pelo município... e também tenho tentado concluir a leitura de dois livros. Ao menos um cheguei na metade “kkk” (educadora 04).

“Às vezes eu me sinto culpada por ter tempo livre. Minhas amigas professoras estão tão cansadas com essa nova rotina delas e desabafam comigo... tenho feito cursos e ando cozinhando, mas tem dias que eu não faço nada de produtivo... isso me incomoda (educadora 01).”

“Esse isolamento está sendo bem agitado, além de me dedicar aos afazeres domésticos continuo estudando... Consegui um trabalho a noite... às vezes tenho alguns julgamentos de mim mesmo pelo tempo ocioso, mas tá sendo uma coisa que preciso lidar.” (pesquisador auxiliar).

Essas sensações podem ser explicadas a partir do ensaio A Sociedade do Cansaço de Byung-Chul Han (2015) que avalia que a estrutura social que se assentava na negatividade deu lugar para o paradigma da positividade e da alta performance, esvaziando as experiências do seu potencial contemplativo oportunizado pelo tédio e o ócio, devido à grande proporção de estímulos perceptivos por meio das mídias e suas reverberações produtivas.

Esse arranjo de operação neoliberal causou transformações nos modos de pensar, sentir, ser e agir, no qual se priorizam a eficiência e auto exploração, apesar das vivências

de adoecimento decorrentes disso, como a síndrome de Burnout, isto é, um profundo esgotamento psíquico causado por atividades laborais. Por conta, dessas motivações a culpa é uma consequência de uma postura não crítica diante do perverso panorama capitalista. Em vista disso, há um movimento ontológico, para além das imposições biológicas de descanso que gera a necessidade de lentificação para acessar uma via de atenção reflexiva, que quando não atendida gera angústia (HAN, 2015).

Esse tipo de angústia é um afeto sinalizador, ou seja, que se preocupa em impulsionar a propriedade do Ser localizando possibilidades de sentido e problematizando a inautenticidade (HEIDEGGER, 1993) própria a experiência neoliberal de uniformização da vida e cerceamento de potencialidade, como se pode notar na seguinte narração: “Acredito que este momento é tenso e intenso... estou no extremo da falta de liberdade e isso é muito angustiante” (educadora 05).

Outros importantes sentimentos expressos nas reuniões eram relativos a incerteza e o medo ante o quadro pandêmico, visto que um novo mundo se apresentou para a sociedade contemporânea, em que um vírus desconhecido e potencialmente mortal, roteiro de tantos filmes apocalípticos e aparentemente distante da realidade, apesar das premissas científicas, impedia/impede o desenrolar cotidiano da vida.

O homem moderno acostumou-se a idealizar garantias, realizar previsões e lograr controle sobre os fenômenos da vida a partir da virada cultural, filosófica e ideológica que entronizou a ciência como um aporte para transformações no mundo no século XVIII. Tudo isso sugere que existe a certeza de domínio das coisas no mundo, tanto no que diz respeito aos recursos naturais, como o que se relaciona a manipulação de seres vivos ou não, sejam eles microbiológicos ou pluricelulares, sem contar a gestão da própria vida humana como um receptáculo de combinação e manejo de variáveis.

Por esse ângulo, acima descrito, a cosmovisão que as pessoas apresentam na relação indissociável com a sua práxis, que por seu turno é formulada a partir dos inúmeros avanços científicos implica em perceber o mundo como controlável e tudo aquilo que foge aos projetos pré-agendados em um roteiro estruturado pelo capital é digno de mobilizações afetivas aterradoras, visto os significativos rompimentos na rotina causados pelo coronavírus (MORETTI et al., 2020).

Esse ponto se visualiza nas narrativas que mostram, consecutivamente, tanto a percepção clara de um sofrimento face a essa conjuntura, como aquelas que revelam um silenciamento paralisador que ainda demandavam a criação de novos sentidos: “Estou sentindo um misto de emoções que oscilam muito... sentindo medo, vazio, pessimismo, raiva do nosso desgoverno... estou tão emotiva que já chorei assistindo ao Jornal Nacional.” (educadora 01); “No momento não tenho palavras para descrever o que estou sentindo.” (educadora 07).

Como se pode notar, as reuniões funcionavam como uma possibilidade de trilhar caminhos de expressão do dito e do não dito, dos conteúdos manifestos e latentes que permeavam a experiência de vivenciar a iminência da própria morte e a dos seus pares, bem como o luto pela vida até então conhecida, abarcando os projetos barrados e em casos mais graves incluindo o olhar sobre a amplificação de vulnerabilidades socioeconômicas e psicoemocionais.

Em casos em que se percebiam dificuldades significativas para elaborar narrativamente sentidos sobre a experiência de adequação ao novo estilo de vida, foi disposto ainda aos integrantes momentos de escuta particulares, que ocorreu em poucas ocasiões, sendo duas vezes com dois estudantes e a outra com uma profissional, cada momento em instantes distintos. Uma peculiaridade sobre essas escutas é que quando eram solicitadas por estudantes ocorriam pelo WhatsApp, já com a profissional foi através de videoconferência, o que pode compreender formas diferentes nos modos de estabelecimento de comunicação entre os participantes, já que os adolescentes eram mais breves e pontuais e demandavam mais atenção do que um encadeamento de significações.

Apesar disso, houve espaço no grupo de acolhimento não só para queixas relativas ao sofrimento, mas para tomadas de consciência, avaliação da maneira como se estava vivendo a vida, estranhamentos no encontro com o mistério e as incertezas que levaram a novos aprendizados, partilha da saudade nutrida pela escola e do contato físico com as pessoas, fortalecimento da capacidade de resiliência, bem como o olhar voltado para a esperança. O fragmento de uma poesia criada por um dos participantes e alguns pontos podem ser expressos nas seguintes asserções: “Espero que esta poesia com tão pouca expressão/ traga para meus colegas alguma reflexão/ percebi simplicidade/ e muita humanidade/ num momento de aflição.” (educador 06). “...sempre vivi a pressa... agora

quero me dar o direito de fazer outras coisas e intensificar minhas relações e amores, ainda que reclusa e sob a pressão de um ser invisível... agora é família e saúde, o resto fica pra quando chegar o tempo de decidir” (educadora 05).

Sobre o encontro de hoje foi como sempre é: leve, cheio de esperança e parece que eu estou me reconectando com a pessoa que sempre fui: ligada ao trabalho e a escola. Às vezes, me sinto vazia sem isso... Encontrar pessoas tão queridas e tão parceiras no trabalho, que lutam por uma educação pública de qualidade nos dá um gás. Foi ótimo! (educadora 01)

A formação em um terreno coletivo consiste na possibilidade de transformação de si e da realidade em que se vive (JOSSO, 2007) e quando apoiada pelo cuidado, enquanto condição ontológica (HEIDEGGER, 1993) e cosmológica (BOFF, 2017) auxilia na análise, interpretação e reflexão sobre as experiências, tanto na construção e elaboração crítica de um saber-fazer, quanto no que concerne a sua presença no mundo e a relação que se estabelece para cuidar de si e do outro (SOUSA; RIBEIRO, 2021). Assim, vê-se que as reuniões virtuais se consagraram, ainda que sem pretensões, como um espaço de acolhimento ao longo de sua coprodução significativa, pois foram envolvidas pelo cuidado como uma possibilidade formadora, a partir de relações de desvelo, carinho, preocupação, atenção e amor.

- Desafios e reflexões a partir da pandemia

Como já expressei em momentos anteriores, a pandemia com o seu caráter extraordinário trouxe inúmeras mudanças na vida corrente, sendo elas ligadas ao isolamento social como medida principal, acarretando transformações no trabalho, no ensino, nas relações domésticas e/ou afetivas, nas instituições, na mídia, nas políticas públicas e mesmo no trabalho desenvolvido por órgãos governamentais ou não. Tudo isso exigiu das pessoas um processo de adaptação nos níveis comportamental, psicológico, emocional, econômico, espiritual e laboral.

Dessa maneira, nos encontros por videoconferência e nos chats no WhatsApp a temática da tentativa de ajustamento frente ao cenário atípico foi uma elaboração construída pelos participantes do grupo, mesmo compartilhando inicialmente vivências

positivas como a sensação de indulto, isto é, enxergar a oportunidade de parada da vida usual por conta do coronavírus, como um momento provisório de descanso. Houve também logo após esse momento de sensação de férias a experimentação do espanto diante do imprevisível e da morte com a disseminação do vírus. Por último, antes de produções de resignificação do sofrimento causado pela pandemia prevaleceu a narração de experiências como o choque e reações anímicas durante o período de reclusão, como a apatia (MEDEIROS et al., 2020). Esse enclausuramento, diga-se de passagem, é/foi vivido por escolhas (des)governamentais bolsonaristas, que revelam a necropolítica estatal preconizada por seu cerco político, mesmo após a criação e circulação de vacinas que protegeriam a população.

O estudo de Medeiros e colaboradores (2020) com base na obra de Viktor Frankl explicita como as reverberações emocionais do campo de concentração se assemelham a experiências vividas no isolamento social a partir de três momentos denominados “estado de choque”; “a apatia, adaptação e sentido da vida nos campos” e “depois de libertados”. Aqui interessa discutir a relação da experiência do grupo formativo com os primeiros dois pontos.

Com relação a primeira etapa, é natural que perante questões atípicas as pessoas tenham ideias apaziguadoras, para sentirem-se reconfortadas diante do período difícil que se apresenta, isto é, se amparando em recursos cognitivos e afetivos próximos da realidade até então conhecida (MEDEIROS et al., 2020). Assim, muitos comentários nas reuniões faziam menção a possibilidade de folga, que eram inclusive reflexo das notícias que ainda supunham que a pandemia seria breve e que era uma gripe destinada a apenas um grupo etário. A ideia que circulava também era a de que o momento oportunizava focar em projetos adormecidos, baseada em falas midiáticas ou ainda aquelas relativas a discursos desavisados e acrílicos por parte de algumas personalidades que sugeriam que a pandemia seria uma oportunidade de auto crescimento pessoal, profissional e familiar. Isso se nota nas narrativas adiante: “Tenho feito cursos e ando cozinhando.” (educadora 01); “tenho tentado incluir novas atividades... como cozinhar, praticar a leitura, praticar o meu inglês” (estudante 01); aproveito para deixar o lar mais aconchegante, higienizado e menos sufocante a todos (educadora 05).

A passagem para o outro estágio se daria a partir da tomada de consciência da situação difícil que se entrepõe, em que o mecanismo de proteção a saúde acionado psicologicamente seria a apatia, com o objetivo da redução da percepção factual (Medeiros et al., 2020). Esse tipo de vivência pode ser visto em falas como: “...entediada dentro de casa, só dormindo, comendo e no sofá” (pesquisadora auxiliar 01); “tenho o sentimento de agonia, pois me sinto com muito tempo livre e não sei como usar esse tempo” (estudante 02).

Contudo, como os encontros virtuais foram se configurando como possibilidade de acolhimento ao sofrimento vivido por todos, bem como um espaço de diálogo e elaboração coletiva de sentidos, alguns ajustes criativos foram com um tempo sendo perceptíveis, tanto por meio de insights do cotidiano em que a adaptação ia surgindo e sendo compartilhada nesse lugar, como também através dos momentos viabilizados no grupo que, por sua vez, suscitava reflexões importantes para o cuidado de si e do outro.

Algumas elocubrações passaram a ser concebidas de maneira mais crítica e iam ganhando significados importantes para um processo de autonomia político-reflexiva. Tais como: a reconfiguração do papel profissional junto com angústia para com o aprendizado dos estudantes nesse período de atividades remotas; repensar a própria identidade, os sonhos projetos existenciais e a relação estabelecida com o tempo cronológico e as atividades ocupacionais.

No tocante a nova representação do trabalho, os profissionais revelavam angústias não só com relação aos desafios tecnológicos e relacionais que advém da educação remota, mas do acesso e efetividade proporcionada pelo processo de ensino-aprendizagem nesses novos termos, dado que o Governo do Estado da Bahia (2021) não retomou as atividades curriculares em 2020, de maneira assertiva e organizada a realidade institucional e contextual das escolas, mas decidiu por condensar o currículo em 2021.

O Ministério da Educação (MEC) declarou no dia 17 de março de 2020, através da Portaria nº 343, que a substituição das aulas presenciais deveria ocorrer por meios digitais enquanto durasse a pandemia do coronavírus. Logo após isso, em 18 de março de 2020, o Conselho Nacional de Educação (CNE) tratou da elucidação de como as atividades acadêmicas deveriam acontecer a partir dessa reorganização. Na Bahia, através do

Conselho Estadual de Educação (CEE) foi publicada a Resolução CEE nº 37 de 18 de maio de 2020, em que se sinalizava uma condução singular de aplicação de atividades curriculares nas casas dos estudantes por meio da utilização de material didático impresso, digital ou mesclada com ambos (MOREIRA; SANTOS, 2021).

Apesar dessas tentativas, a educação que já enfrenta desafios para se consolidar como um direito de todos, não se efetivou utilizando dessas estratégias na escola da pesquisa em questão, tampouco em muitas outras do estado, realizando apenas algumas atividades parciais, para não perder o vínculo com os estudantes e nem os deixar desassistidos, como também aponta a pesquisa de Moreira e Santos (2021). Como se nota através da asserção descrita em um diário sobre a relação com a escola em tempos de pandemia:

...retomando sobre a escola, vou guardar umas propostas de ação, mas nada será encaminhado, e ou desenvolvido sem primeiro saber, ver e sentir os participantes (comunidade escolar). Acredito que só será significativo se for para e com eles e elas. Assim... deixa voltar para gerarmos juntos uma nova ordem. (educadora 05)

Concernente a essa nova configuração que se delineava para com o trabalho escolar o papel profissional foi ganhando novos sentidos, sem deixar de apoiar-se sobre princípios éticos relativos ao saber-fazer, visto que os profissionais estavam sempre comentando sobre o cuidado afetivo que eles estavam tendo no contato, mesmo que virtual ou por via telefônica, com os estudantes, já que a questão curricular se apresentava como um grande desafio, mediante a falta de recursos da instituição e dos adolescentes, que em sua grande maioria não tem acesso a recursos tecnológicos como celulares, tablets e notebooks ou ainda não possuem uma rede de internet de qualidade (MOREIRA; SOARES, 2021).

Mesmo diante dessa preocupação constante dos profissionais, o cuidado na relação com os estudantes, que antes já se apresentava como um eixo de seu trabalho, acabou por se intensificar, revelando que a pandemia, por mais que seja um grande problema sanitário, social, político e econômico e que revelou mais notoriamente as desigualdades no campo da educação, proporcionou que as práticas educacionais estivessem envoltas em mais afeto, diálogo, carinho, atenção e zelo, na tentativa de aplacar as faltas curriculares, que muitas vezes, centralizam a prática profissional em um sentido conteudista. Essas questões implicaram em uma retomada reflexiva acerca da identidade profissional, como se nota a partir da narrativa a seguir:

“A minha relação com a escola no momento da quarentena se chama saudade. Quando escolhi ser professora, foi porque durante a minha vida como estudante, o espaço escolar sempre foi encarado como um lugar de amigos, de acolhimento, de conhecimento... nunca faltava aula, literalmente nem doente (só se fosse algo muito sério ‘rsrsrs’). Estando do outro lado tenho o mesmo sentimento e um compromisso ainda maior, porque me sinto útil em ajudar os alunos a conquistar seus objetivos, a aprender algo, a se entender como sujeito da história. Isto é motivante”. (educadora 01)

Dentro desse novo molde de trabalho, tanto para os estudantes, como para os profissionais houve a possibilidade de repensar projetos e a relação estabelecida com o tempo cronológico e as atividades ocupacionais, diante do encontro com a angústia, que é o afeto mobilizador para a compreensão do sentido do ser, no enfrentamento da impessoalidade.

Nos modos de vida contemporâneos legitimou-se a ideia de que a condição da mortalidade é um assunto distante e que pode ser prorrogado com inúmeras técnicas medicalistas. Todavia, a vida traz imprevisto que fazem o homem colidir com o desemparo radical trazido pela finitude, evocado, por seu turno, pela angústia no tratamento com significados não dados simplesmente pela posição de existir (DANTAS et al., 2009). Há nisso, um paralelo interessante com a pandemia, posto que a ciência não trouxe, prontamente, respostas reparadoras como de costume, deixando a humanidade à mercê de sua condição inexorável.

A partir da experiência da falta de referências sustentadoras que surge a possibilidade mais própria de existir. Assim, nas reuniões e nos chats provocados pela investigação-formativa não foram poucas as vezes em que se houve reclamações acerca do estilo de vida corrido e pouco reflexivo que antecedeu a pandemia, bem como a expressão de narrativas que reposicionavam o modo de ser-no-mundo (DANTAS et al., 2009). Isso se pode notar através de elaborações construídas a partir dessas conversas:

...é curtir, com calma cada situação ocorrida no dia-a-dia da família. É uma sensação importante de que me sentia mal antes... Agora é uma realidade. Para este fim, sinto honrada e muito feliz! Sem contar que queria muito dormir mais. E estou conseguindo. É tempo de pensar sobre esses interesses e também suas proporções e assim... Pensar nas nossas várias identidades. (educadora 05)

O início da suspensão coincidiu com o fim da minha licença paternidade, então, emendei uma coisa na outra.... A escola sempre teve um grande significado em minha vida, estar distante é complicado, mas entendo que esse afastamento é mais que necessário, ainda mais para mim, pai de primeira viagem e que estou aproveitando a oportunidade para auxiliar minha esposa nos cuidados com nosso filho. (educador 02)

Dessa forma, torna-se evidente a inversão temporal fenomênica em uma perspectiva cronológica para uma kairológica, ou seja, os integrantes do coletivo formativo demonstram ter revisado o olhar sobre a existência, que se colocava por meio de um fluxo de atualizações em que o presente ocuparia a centralidade entre o passado (não mais agora) e o futuro (ainda não agora), para uma concepção em que o tempo é qualitativo e emergente na crise. Revelando, com isso, a abertura para o novo, para o não programado, em que não há garantias, mas a possibilidade de ligar o passado, o presente e o futuro de maneira ativa historicamente (RAMALHO, 2018) através de significados criados poieticamente, isto é, uma produção poética revelada na relação para poder ser.

- Compartilhamento de estratégias de cuidado

No tocante as transformações ocorridas por intermédio da pandemia da Covid-19 em sociedade, e no contexto mais específico do grupo formativo dessa investigação, aqui já discutidas largamente, apesar das dificuldades e desafios que o coletivo encontrou nesse novo processo de experienciar a vida, a partir dos diálogos empreendidos pelas videoconferências e pelos chats no WhatsApp foi possível catalogar estratégias de cuidado em saúde para minimizar os efeitos do sofrimento ou adoecimento pandêmico.

Nas conversações em que se faziam menções a passar por essa situação adversa de maneira problemática ou de forma angustiante, os participantes sempre apoiavam uns aos outros empaticamente, ouvindo atentamente e sugerindo métodos que tinham descoberto nesse cenário como produtores e preventores de saúde mental, ou que já eram técnicas de enfrentamento utilizadas em situações de crise.

Eram ilustradas formas de vivenciar esse processo a partir de alternativas como manter o contato virtual com pessoas queridas, a exemplo do conselho que uma professora deu a outra, referente a almoçar acompanhada por uma companhia online, já que a mesma sentia-se só e se incomodava por isso; intensificar o olhar afetivo para o contato com animais de estimação; ter hábitos de leitura; evitar o uso prologando do celular por meio de aplicativos que medissem o tempo de emprego da internet; praticar meditação, ioga e outros tipos de exercícios físicos; desabafar e contratualizar com os

membros familiares sobre desafios vividos na dinâmica doméstica; confortar os pares sobre poder não conseguir produzir diante de um contexto tão avassalador, além de compartilhar palavras de motivação e esperança. Pode-se notar algumas falas nesse sentido a seguir: “semana passada comecei a fazer meditação e tem me ajudado bastante a filtrar coisas boas, a me sentir melhor.” (educadora 01); “...entendo que é por um período só. Vai passar! Por mais demorado que seja, vai passar...” (educadora 04).

O momento em que os encontros do grupo de acolhimento ocuparam a pesquisa, apesar de terem perpassado 2020 e 2021, se deram com mais intensidade nos primeiros meses, no qual se focou em compreender a experiência de se estar em um novo contexto de produção de vida e saúde no acareamento dos problemas que irromperam essa nova realidade. As demais reuniões sempre tiveram uma tônica acolhedora, embora não focassem sempre diretamente na pandemia e as questões sanitárias como foco, mas sim nas reverberações explícitas e implícitas no cotidiano desse evento, como as incertezas econômicas, trabalhistas e sociais.

Diante disso, os sentimentos de medo, desesperança e angústia surgiram em um primeiro momento, como esperado, já que em quadros imprevisíveis como esses não há claramente como saber em que rumo se chegará nos âmbitos de segurança, do ensino, econômico, familiar, social, entre tantos outros. De todo modo, face a esta conjuntura, e tantas outras que abarcam desafios é importante se mostrar resiliente e apto a modificar a realidade que se apresenta, pois sem a dimensão de futuro, a elaboração de projetos de sentido para a vida desabastece e não enrique as possibilidades e potencialidades humanas.

Assim, a resiliência, segundo Alarcão e Sotero (2020) está sendo discutida amplamente pela literatura, já que este conteúdo se mostra significativo mediante o contexto pandêmico e vem demonstrando abertura para dimensões abrangentes como em níveis que vão do individual e familiar ao organizacional, comunitário e global.

A resiliência pode ser compreendida em ações em que nos momentos de crise sejam feitos ajustamentos criativos para dar sentido a experiência de acordo com a cosmovisão da pessoa ou grupo, ou ainda com a formação de novos paradigmas. A resiliência requer uma visão positiva para que seja possível extrair aprendizados da situação vivenciada, bem como é necessário ser esperançoso e perseverante na direção de um projeto possível ante

as adversidades. Ser resiliente é entender que não há volta ao passado e a realidade antes conhecida, existe a construção de uma realidade possível, que deve ser celebrada e compartilhada com os pares (ALARCÃO; SOTERO, 2020).

Nesse tocante, tematizar o cuidado em tempos de coronavírus propiciou para o coletivo formativo o fortalecimento dos laços afetivos criados e recriados a partir da pesquisa, bem como estimulou a resiliência em tempos de crise, por meio da partilha de sentidos, vitórias, tristezas, alegrias, preocupações, inspirações, medos, criações e sucessos. A pesquisa além de se ater ao nível da formação na identificação e resolução de problemas em saúde fomentou a todo tempo o desvelo e a amorosidade que enxerga nos atravessamentos provocados pela alteridade, a capacidade de olhar a si mesmo e ao outro com respeito e solidariedade.

Considerações finais

A pesquisa-formação é uma prática político-pedagógica na investigação científica que subverte a lógica de subordinação do pesquisado ao pesquisador, dado que se pauta pela colaboração no ensino-aprendizagem na relação entre ambos. Dada sua condição epistemológica, ética e metodológica alguns princípios orientam o compromisso desse tipo de investigação com a formação integral, que por sua vez, abarca muito mais que os conhecimentos formais escolares, pois abrange não só o nível profissional, como também o pessoal.

Nesse cenário, a pesquisa-formação se coloca em confronto com práticas discriminatórias, excludentes e opressoras nos âmbitos onde se queira atuar, pois em seu âmago objetiva-se que haja a conscientização e emancipação de seus atores. É por conta disso que a implicação, o respeito e compartilhamento dos saberes no coletivo de pesquisa importam para que se construam reflexões sobre as temáticas escolhidas.

Esse tipo de pesquisa se mostra como uma forma de resistência diante da conjuntura social que apresenta marcas históricas, culturais, ideológicas e econômicas como o individualismo, a competitividade, o consumismo, a produtividade exacerbada e acelerada, a retirada de direitos e sua consequente desumanização, entre tantas outras questões, que precisam ser enfrentadas e superadas.

Nesse sentido, em um contexto neoliberal em que há amplos cortes orçamentários e mesmo ataques a escola pública e aos educadores com a divulgação de fake news, a presente proposta de pesquisa pôde fazer frente, politicamente, a massivas práticas de investigação em Psicologia que acreditam que o agente da investigação é um objeto incólume, já que o olhar sobre esse ator estaria ligado a uma postura neutra e purificada.

Assim, diante da compreensão epistêmica da pesquisa-formação e dos arranjos feitos ao longo desse trabalho, mesmo diante das adversidades epidemiológicas com a ocorrência da pandemia do coronavírus foi possível vislumbrar que houve através da proposição da pesquisa resultados importantes para o coletivo formativo investigado, como o aprimoramento das interações institucionais e relacionais, já que através da perspectiva dialógica houve a possibilidade de abertura para o aprendizado em comunhão, bem como o desenvolvimento da compreensão, empatia, acolhimento, resiliência, autonomia, escuta e cuidado compartilhado.

Além disso, tornou-se conhecido e debatido condições de sofrimento pré-existentes e agravos a saúde, que sem apoio profissional especializado, ou ainda, sem espaços de discussão coletivos incidem em transtornos mentais quando não são cuidados, visto que a saúde mental dos adolescentes diante do cenário escolar, por vezes é negligenciada, não só por falta de competências formativas ou cuidado especializado, mas pela falta de espaço curricular de debates e posturas profissionais que acolham a subjetividade do estudante e possibilitem sua autonomia com vistas a reivindicação e organização política dos seus direitos. Para além disso, seguindo as condições particulares dos estudantes foram tecidas e compartilhadas formas de cuidado entre o grupo que vislumbraram a inventividade em saúde no enfrentamento de uma conjuntura de sérios agravos e privações relacionais e materiais.

Isso evidencia a importância política de uma ciência psicológica comprometida com a investigação e proposição de ações em serviços públicos, que no caso da pesquisa em questão aproximou-se da instituição escolar. Nesse viés, sabendo da falta de profissionais de saúde no quadro funcional da escola pública, mesmo com a aprovação recente da Lei 13.935/2019 que dispõe da prestação de serviços da psicologia e serviço social na educação básica, essa pesquisa pôde auxiliar a formação em saúde mental dos atores escolares envolvidos direta ou indiretamente na pesquisa.

Por fim, reafirma-se a importância da escola pública como lugar privilegiado para a criação de ações inventivas que subvertam a lógica massificadora e capitalista dessa instituição como corpo para reprodução de injustiças, já que a educação focada em uma formação existencial que pautar componentes da vida pessoal, profissional, comunitária e cidadã pode ampliar a luta na transformação das condições de vida humana.

Referências

ALARCÃO, M.; SOTERO, L. Resiliência. In Reis, J. (Org.). **Palavras para além da pandemia: cem lados de uma crise**. Centro de Estudos Sociais Universidade de Coimbra: CES, 2020. p. 93 Disponível em: <<https://ces.uc.pt/publicacoes/palavras-pandemia/ficheiros/Obra%20-%20Palavras%20para%20a%20da%20Pandemia.pdf>>. Acesso em: 4 jul. 2022.

ANÉAS, T. V.; AYRES, J. R. C. M. Significados e sentidos das práticas de saúde: a ontologia fundamental e a reconstrução do cuidado em saúde. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v.15, p.651-662, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-32832011000300003>. Acesso em: 4 jul. 2022.

AMARANTE, P. **Saúde mental e atenção psicossocial**. SciELO-Editora FIOCRUZ, 2007.

AMATUZZI, M. M. Experiência: um termo chave para a Psicologia. **Memorandum: Memória e História em Psicologia**, v.13, p.8-15, 2007. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6699/4272>>. Acesso em: 4 jul. 2022.

BOFF, L. **Saber cuidar: ética do humano-compaixão pela terra**. Editora Vozes Limitada, 2017.

CARVALHO, R. G. et al. Relações de amizade e autoconceito na adolescência: um estudo exploratório em contexto escolar. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v.34, p.379-388, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-02752017000300006>>. Acesso em: 4 jul. 2022.

DANTAS, J. B.; DE SÁ, R. N.; CARRETEIRO, T. C. O. C. A patologização da angústia no mundo contemporâneo. **Arquivos brasileiros de psicologia**, v.61, n.2, p.1-9, 2009. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/2290/229019248010.pdf>>. Acesso em: 4 jul. 2022.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Editora Paz e Terra, 2018.

FONSECA, M. L. G.; GUIMARÃES, M. B. L.; VASCONCELOS, E. M. Sofrimento difuso e transtornos mentais comuns: uma revisão bibliográfica. **Revista de APS**, v.11, n.3, 2008. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/aps/article/view/14269/7719>>. Acesso em: 4 jul. 2022.

FONTENELE, R. M. et al. Construção e validação participativa do modelo lógico do Programa Saúde na Escola. **Saúde em Debate**, v.41, p.167-179, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0103-11042017S13>>. Acesso em: 4 jul. 2022.

MACEDO, R. S.; GALEFFI, D.; PIMENTEL, A. **Um Rigor Outro**: sobre a questão da qualidade na pesquisa qualitativa. Salvador: Edufba, 2009.

GARCIA, L. P.; DUARTE, E. Infodemia: excesso de quantidade em detrimento da qualidade das informações sobre a COVID-19. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v.29, p.e2020186, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1679-49742020000400019>>. Acesso em: 4 jul. 2022.

GARRIDO, R. G.; RODRIGUES, R. C. Restrição de contato social e saúde mental na pandemia: possíveis impactos das condicionantes sociais. **Journal of health & biological sciences**, v.8, n.1, p.1-9, 2020. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.12662/2317-3076jhbs.v8i1.3325.p1-9.2020>>. Acesso em: 4 jul. 2022.

Governador anuncia início do ano letivo na rede estadual de ensino. **Governo do Estado da Bahia**, 2021. Disponível em: <<http://escolas.educacao.ba.gov.br/noticias/governador-anuncia-inicio-do-ano-letivo-na-rede-estadual-de-ensino>>. Acesso em: 4 jul. 2022.

GUIMARÃES, C. C. P. A.; VELARDI, M. Da educação sanitária à educação em saúde: O caminho para a escola promotora de saúde. **Acervo Paulo Freire**, 2008. Disponível em: <http://acervo.paulofreire.org:8080/bitstream/handle/7891/4117/FPF_PTPF_01_0774.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 4 jul. 2022.

HAN, B-C. **Sociedade do cansaço**. Editora Vozes Limitada, 2015.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Petrópolis: Vozes, 1993.

JOSSO, M. C. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Educação**, v.30, n.63, p.413-438, 2007. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/848/84806302.pdf>>. Acesso em: 4 jul. 2022.

LIMA, S. O. et al. Impactos no comportamento e na saúde mental de grupos vulneráveis em época de enfrentamento da infecção COVID-19: revisão narrativa. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, n.46, p.e4006-e4006, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.25248/reas.e4006.2020>>. Acesso em: 4 jul. 2022.

LONGAREZI, A. M.; SILVA, J. L. Pesquisa-formação: um olhar para sua constituição conceitual e política. **Revista contrapontos**, v.13, n.3, p.214-225, 2013. Disponível em: <<https://doi.org/10.14210/contrapontos.v13n3.p214-225>>. Acesso em: 4 jul. 2022.

MACEDO, R. S. **Pesquisar a experiência: compreender/mediar saberes experienciais**. Curitiba: CRV, 2015.

MEDEIROS, A. Y. B. B. V. et al. Fases psicológicas e sentido da vida em tempos de isolamento social pela pandemia de COVID-19 uma reflexão a luz de Viktor Frankl. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, v.9, n.5, p.e122953331-e122953331, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.33448/rsd-v9i5.3331>>. Acesso em: 4 jul. 2022.

MÓNICO, L. et al. **A Observação Participante enquanto metodologia de investigação qualitativa.** Anais VI Congresso Ibero-americano de Investigação Qualitativa. Espanha: Universidade de Salamanca, p. 724-733, 2017.

MOREIRA, A. D.; SANTOS, A. R. Educação do Campo: Aulas remotas e os desafios frente ao avanço da Covid-19 no estado da Bahia. **Revista Velho Chico**, v.1, n.1, p.191-208, 2021.

MOREIRA, A. D.; SOARES, J. S. Educação do campo e educação a distância em tempos de COVID-19: O contexto do estado da Bahia. **Ambiente: Gestão e Desenvolvimento**, v.14, n.1, p.57-69, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.24979/ambiente.v14i1.834>>. Acesso em: 4 jul. 2022.

MORETTI, A. S.; DE LOURDES GUEDES-NETA, M.; BATISTA, E. C. Nossas vidas em meio à Pandemia da covid-19: Incertezas e medos sociais. **Revista Enfermagem e Saúde Colectiva-REVESC**, v.5, n.1, p. 32-41, 2020.

OLIVEIRA, A. M.; GEREVINI, A. M.; STROHSCHOEN, A. A. G. Diário de bordo: uma ferramenta metodológica para o desenvolvimento da alfabetização científica. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v.10, n.22, p.119-132, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.20952/revtee.v10i22.6429>>. Acesso em: 4 jul. 2022.

OLIVEIRA, L. R.; SBANO, V. C. Subjetividade, psicologia histórico-cultural e prática do psicólogo na escola. **ECOS-Estudos Contemporâneos da Subjetividade**, v.7, n.1, p.4-11, 2017. Disponível em: <<http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/1917/1418>>. Acesso em: 4 jul. 2022.

OZELLA, S. Adolescência: uma perspectiva crítica. In: KOLLER, S. H. (Org.). **Adolescência e psicologia: concepções, práticas e reflexões críticas.** Rio de Janeiro: Conselho Federal de Psicologia, 2002. p. 16-24.

PERRELLI, M. A. S. et al. Percursos de um grupo de pesquisa-formação: tensões e (re) construções. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v.94, p.275-298, 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbeped/a/hKs4gbp488Z7hQJmfjCKkrJ/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 4 jul. 2022.

RAMALHO, W. **A memória como abertura do possível.** Anais Emergências: desafios contemporâneos à historiografia. Mariana: MG, p. 193-199, 2018. Disponível em <<http://www.sbthh.org.br/wpcontent/uploads/2020/03/AnaisSNHHFINAIS.pdf#page=193>>. Acesso em: 4 jul. 2022.

RIBEIRO, L. S.; RIBEIRO, M. S. S. Reflexões sobre o ensino remoto na pandemia e o retorno ao cuidado essencial. In: RIBEIRO, M. S. S.; SOUSA, C. M. M.; LIMA, E. S. (Orgs.). **Educação em tempos de pandemia: registros polissêmicos do visível e do invisível.** Petrolina: UNIVASF, 2020a. p. 64-69.

RIBEIRO, L. S.; RIBEIRO, M. S. S. **Entrevista Narrativa com adolescentes: saúde mental e pandemia do coronavírus.** Anais III Ciclo de Debates sobre Pesquisa e Fenomenologia. Petrolina: PE, p.89-90, 2020b. Disponível em <https://drive.google.com/file/d/1jf4PqslUMdBZUFVHx_t1GbEI_VPJU5Py/view>. Acesso em: 4 jul. 2022.

RIBEIRO, L. S.; RIBEIRO, M. S. S. **Pesquisa-formação em saúde mental com atores escolares**. Anais I Simpósio Internacional Juventudes e Educação: Cenários educacionais em tempos de reformas. Juazeiro: BA, p., 2020c. Disponível em <www.even3.com.br/anais/SINJUVE>. Acesso em: 4 jul. 2022.

RIBEIRO, L. S.; DE SOUZA RIBEIRO, M. S. Narrativas sobre a saúde mental de adolescentes em tempos de coronavírus. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) biográfica**, v.6, n.17, p.273-291, 2021. Disponível em <[10.31892/rbpab2525-426X.2021.v6.n17.p273-291](https://doi.org/10.31892/rbpab2525-426X.2021.v6.n17.p273-291)>. Acesso em: 4 jul. 2022.

SOUSA, C. M. M.; RIBEIRO, M. S. S. Pesquisa-formação: diários reflexivos sobre os cuidados com professoras da educação infantil. **EccoS–Revista Científica**, n.57, p.13682, 2021. Disponível em <<https://doi.org/10.5585/eccos.n57.13682>>. Acesso em: 4 jul. 2022.